

Lucas Negrão

obras | projetos |



Foto: Tereza Maciel



Lucas Negrão, 1996. Nascido na Terra Firme, periferia de Belém - Amazonia - Brasil, é artista com foco no enfrentamento das mudanças climáticas e fotoativista na democratização do acesso à arte-educação. Mestre em artes, com foco da pesquisa na produção de imagem aliada à arte e tecnologia eletrônica-digital. Coordenador do projeto Fotoativa 40 anos-luz (2025). Roteiro e direção do filme "Todo Fim é Bom" (2024); Coordenação e Curadoria da Categoria Videoclipe e Videoarte - Festival Amazônia FIDOC 2024; Assistência de Curadoria "Fotoativa 40 anos" - SESC-Pará (2024); Prêmio de Arte e Cultura 2023 da Fundação Cultural do Pará; Curadoria da exposição Amazônia Desvelada (2023); VIII Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia (2017); Semana de Arte e Muralismo, de FCP (2021); Rio Que Chove, de Psica produções (2022); Mostra Imagens Cotidianas do Sesc-Pará (2022).

série

Margem de beira, passagem. Paisagem

2012, fotografia digital, 30x40

Da margem da estrada de beira de rio, Mosqueiro, ilha de Belem. Dos contraste asfalto e areia, infância. Temporalidade, passagem. Ação. Prolongamento de corpos, paisagem. Entrecruzamento de ambiente, pele, corpo e natureza. Paisagem pele da cultura. Retrato. Recorte espacial de expressões. Linhas de Luz. Corte que compõem Ambiente-corpo.

"Margem de Beira, passagem. Paisagem." Propõe uma reflexão acerca da questão da dialética Retrato e Paisagem, temáticas clássicas da fotografia, onde se a paisagem sofre interferências do retrato e o Retrato está imerso nessa paisagem, a partir da teoria do filósofo japonês Tetsuro Watsuji, em que ele diz que não se pode pensar o clima e natureza desconectado da existência humana.

O vendedor de pupunha sempre na mesma lombada, a fachada da casa sustentada por um cabo de vassoura e o garoto brincando na rua da casa. Retrato, paisagem. Um ambiente rodeado de água, emerso na água, composto de beiras. Margem da floresta rasgada pela passagem.

Obra apresentada no VIII Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, em 2017.









série Desassossego

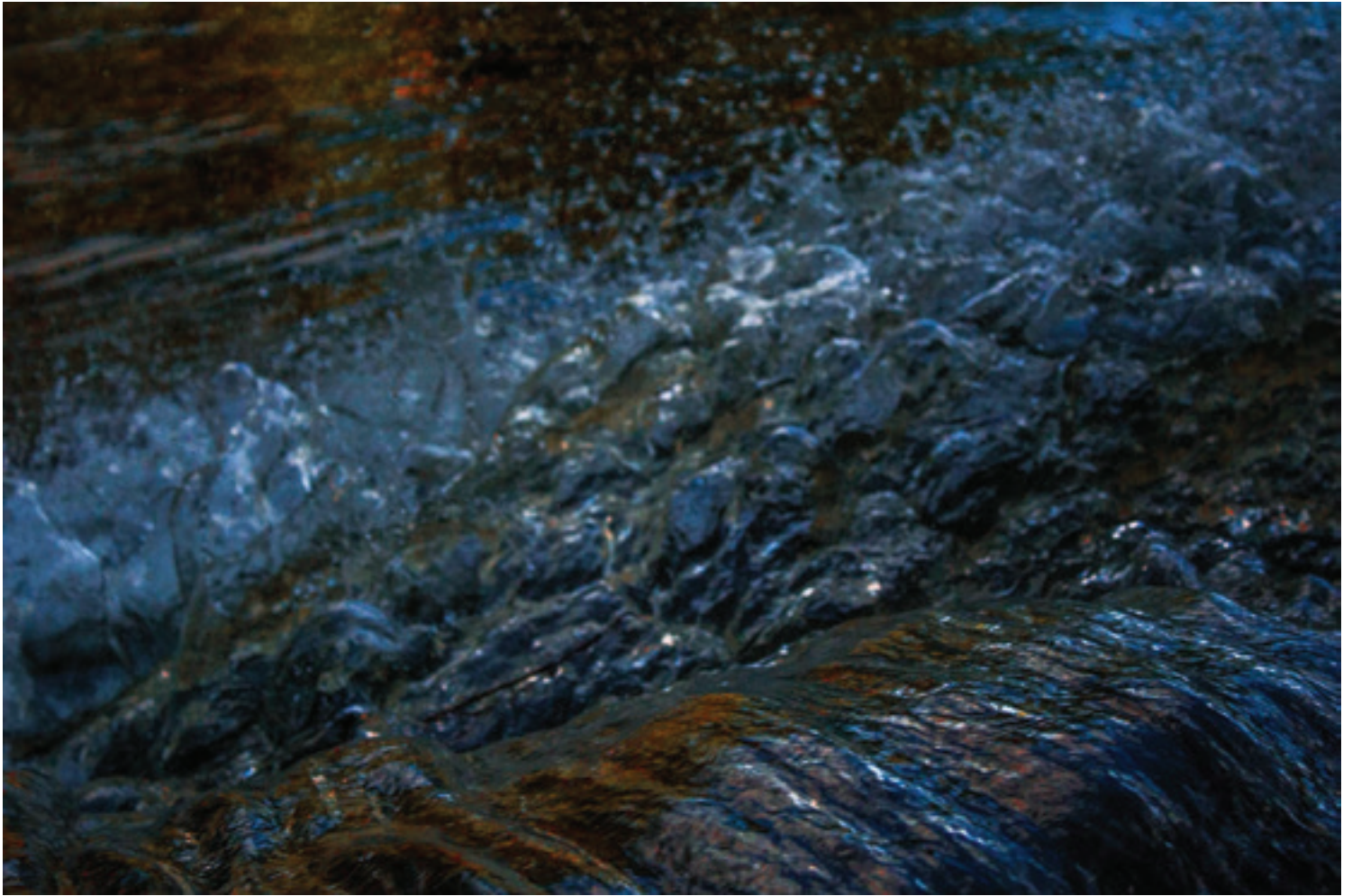
Exposta no XXV Salão Primeiros Passos em 2016, a série é resultado da pesquisa "Sobre a pele, o rio: a paisagem no território da cultura atravessando o campo da arte", sob orientação da professora e artista Claudia Leão, e propõem enfatizar a ruptura do fluxo do rio, a rapidez de transformação da água, que em milésimos de segundos toma várias formas de um corpo líquido em liberdade de movimento, a agitação-repouso constante, o desconhecido rasgando o movimento progressivo da paisagem, o lugar que move corpos aos barcos, barcos que movem corpos a lugares, corpos que refletem o movimento diário do rio, travessia continua de dentro e de fora, do rio à chuva, fluxo intenso do ciclo, da ressaca, da reação.



Desassossego I, 2016, fotografia digital, 30x40



Desassossego II, 2016, fotografia digital, 30x40



Desassossego III, 2016, fotografia digital, 30x40

projeto
Inacontecimento, Amazônia (2023)
(Amazônia Desvelada)

O ambiente que atua sobre o corpo e o corpo que atua sobre esse ambiente. A relação travada entre ambiente e corpo e o resultado das interferências em território amazônico. Dispositivos de imagem que se alteram na presença do público no espaço expositivo e a relação de ambiente e corpo na Amazônia trazida para a uma instalação interativa. Ocasões que não acontecem, ações que não se concluem como se espera, acontecimentos que não se processam, "Inacontecimentos" são obras interativas com uso de tecnologia que respondem ao estímulo do interator. O projeto se debruça sobre os impactos da degradação do bioma Amazônia com dados de pesquisas de monitoramento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais que demonstram a evolução da degradação do território por ação humana.

Resultado da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.



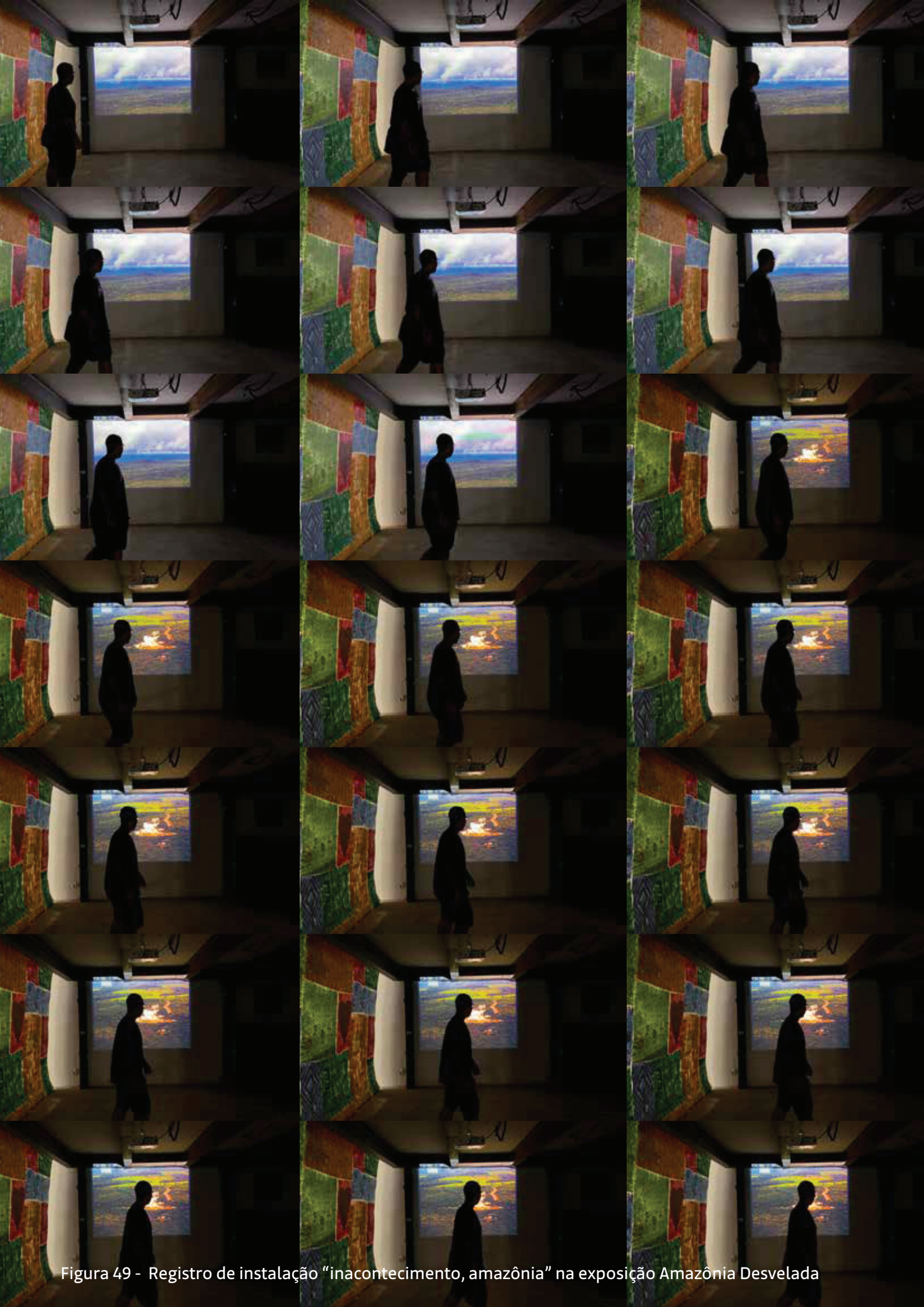


Figura 49 - Registro de instalação “inacontecimento, amazônia” na exposição Amazônia Desvelada

projeto
Inacontecimentos, Amazônia,
(Prêmio FCP de Incentivo à Arte e à Cultura 2023)



Registro da instalação

A AMAZÔNIA ESTÁ VIRAI

**A MINERAÇÃO DESMATOU 405,36 KM² =
A ÁREA DERRUBADA EQUIVALE A CERCA
DE 40,5 MIL CAMPOS DE FUTEBOL.**



Ilha do combu, 2016. Fotografia digital impressa em moldura com retroiluminação. (30x40)



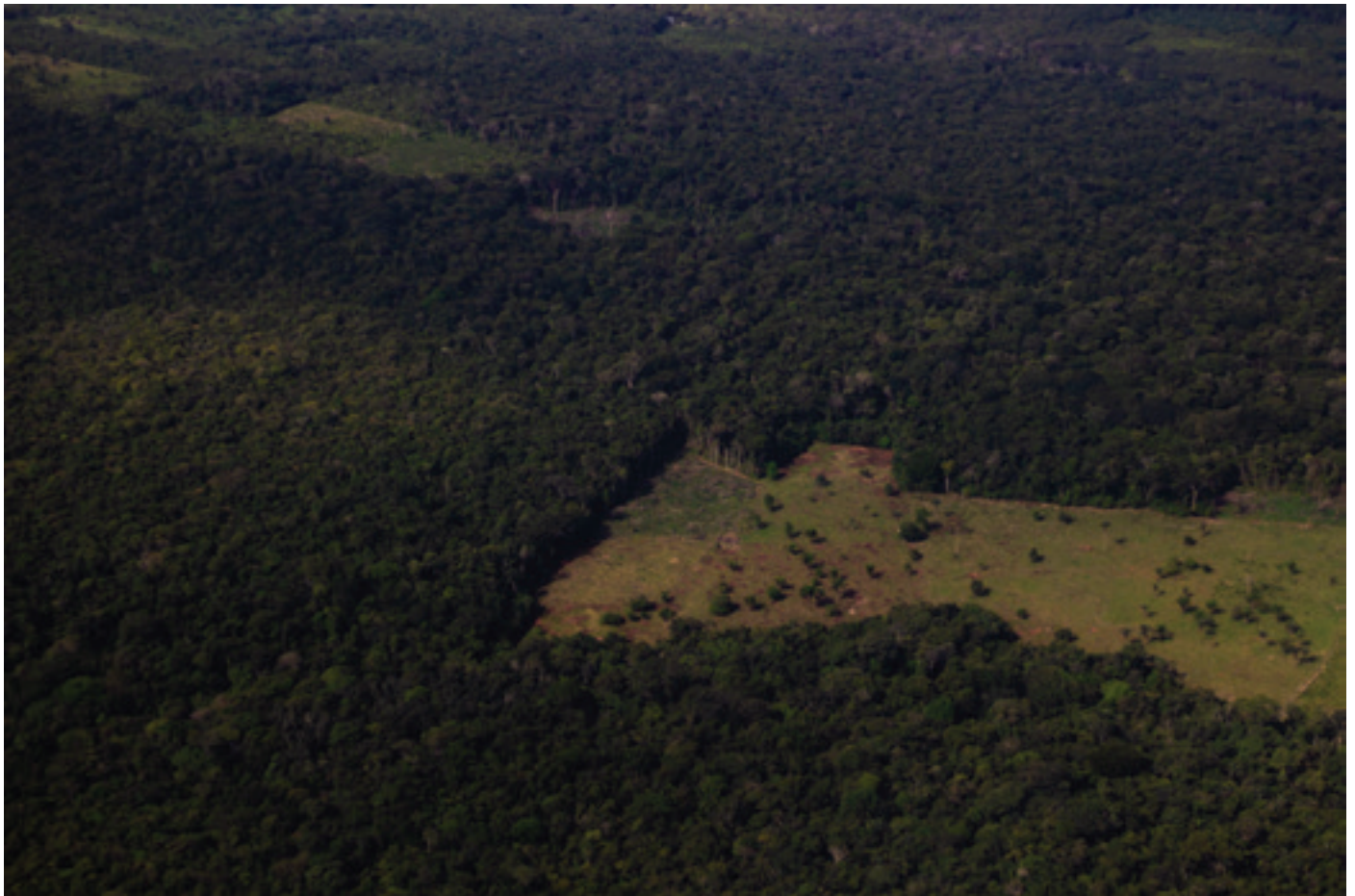
Baixo Tapajós, mineração de bauxita, 2022. Fotografia digital impressa em moldura com retroiluminação. (30x40)



Baixo Tapajós, área desmatada próxima a rio, 2022. Fotografia digital impressa em moldura com retroiluminação. (30x40)



Amazônia Atlântica, igarapé, 2021. Fotografia digital impressa em moldura com retroiluminação. (30x40)



Baixo Tapajós, área desmatada, 2022. Fotografia digital impressa em moldura com retroiluminação. (30x40)



Amapá, região em chamas, 2023. Fotografia digital.



Amapá, região em chamas, 2023. Fotografia digital.

projeto

Desacontecimentos

(contemplado pela Política Nacional Aldir Blanc 2024)

Signos concretos da cidade constituem as narrativas que criamos com nossas vivências. Memória, segundo a Enciclopédia Treccani, é a capacidade comum a muitos organismos de preservar traços mais ou menos complexos e duradouros de estímulos externos experimentados e das respectivas respostas.

Desacontecimentos traz a ocorrência da desconstrução de elementos concretos que nos servem de referência histórica, memorialística e afetiva, e que começam a existir somente em imagem mental ou fotografia. A narrativa se contamina com os resquícios da história coletiva e da história íntima, trazendo uma auto-ficção que incita imagens em texto e imagens fotográficas.

O corpo-ambiente tensiona a narrativa íntima com a narrativa histórica quando insere as cicatrizes das seringueiras, a antiga residência de Antônio Tavernard, os trilhos aterrados do bondinho, o prédio desacontecido da rua Leão XIII, a antiga casa na av. Senador Lemos. Esse museu a céu aberto que está desaparecendo atinge nossa memória na constituição de gatilho para acessá-las. A cidade está além de cenário, ela é personagem de nossas vidas, como fala Tetsuro Watsuji, Filósofo Japonês, sobre as paisagens que atuam nos corpos e corpos que atuam na paisagem, mutuamente.

Em "memórias bonitas demais para serem lembradas", fica claro que as memórias não conseguem ser acessadas pelas imagens das fotografias, perdidas por conta da umidade.

E sob todas elas há um pano de fundo com fotografias de parede de residências, organizadas por trás das fotografias principais, com suas rachaduras, infiltrações e marcas de incisões.

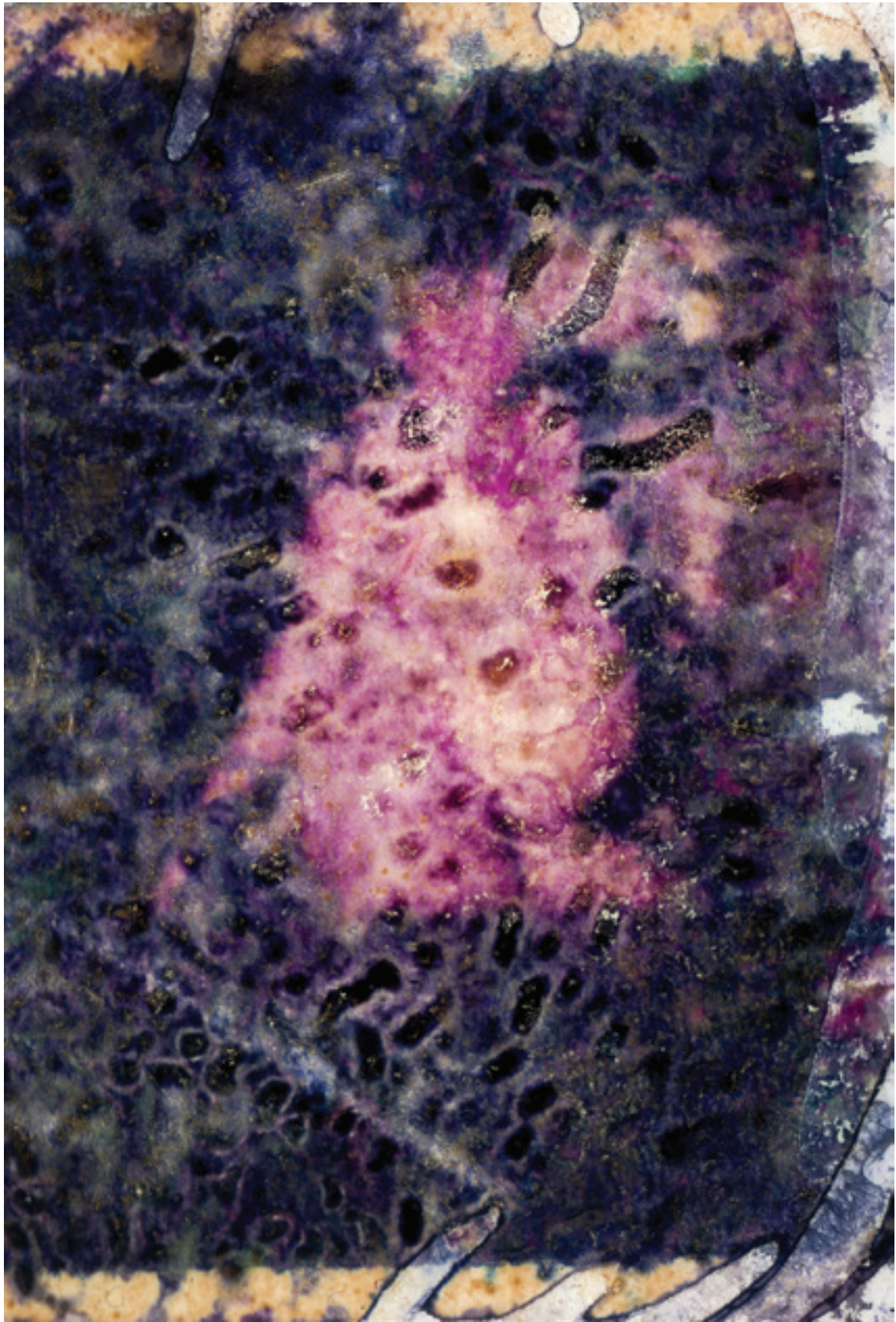




Registro da exposição Desacontecimentos, 2025, na Associação Fotoativa.



Leão XIII, 2015. Fotografia 35mm, impressa em 40x60cm



Memórias desaguadas. Fotografia em papel fotográfico, impressa em 40x60cm



Raios que partiram, 2017. Fotografia digital (30x40cm)



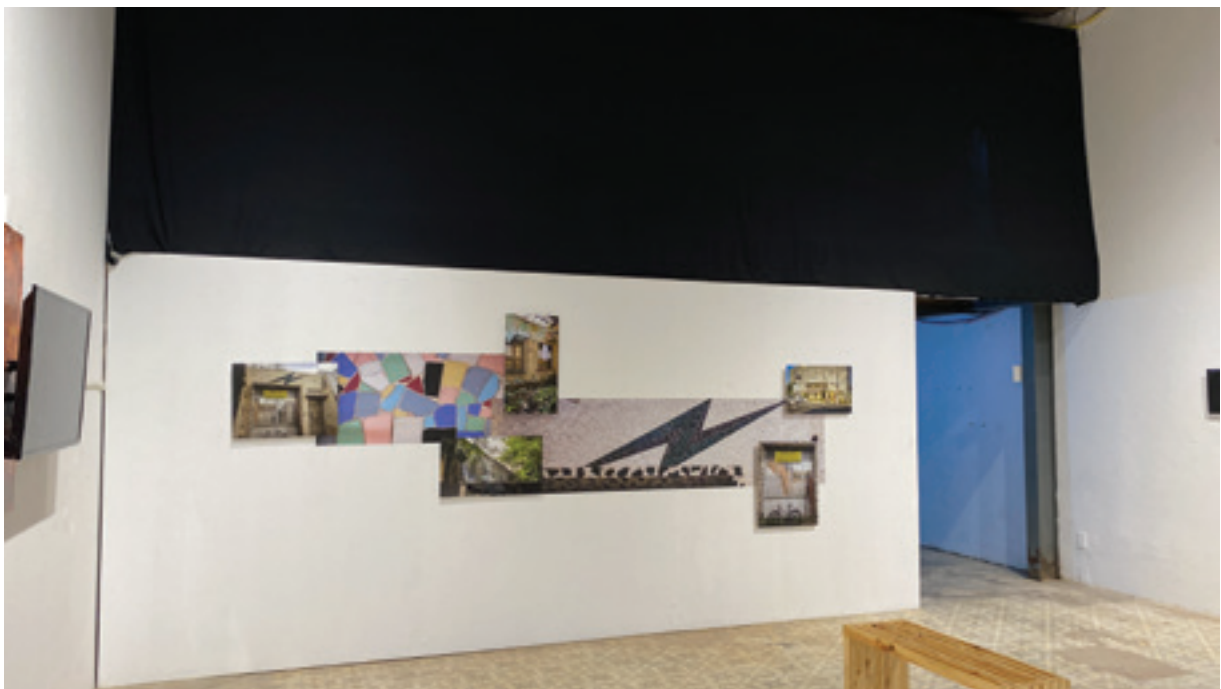
Samaumeira, teus veios em nós. Fotografia digital (64x115cm)

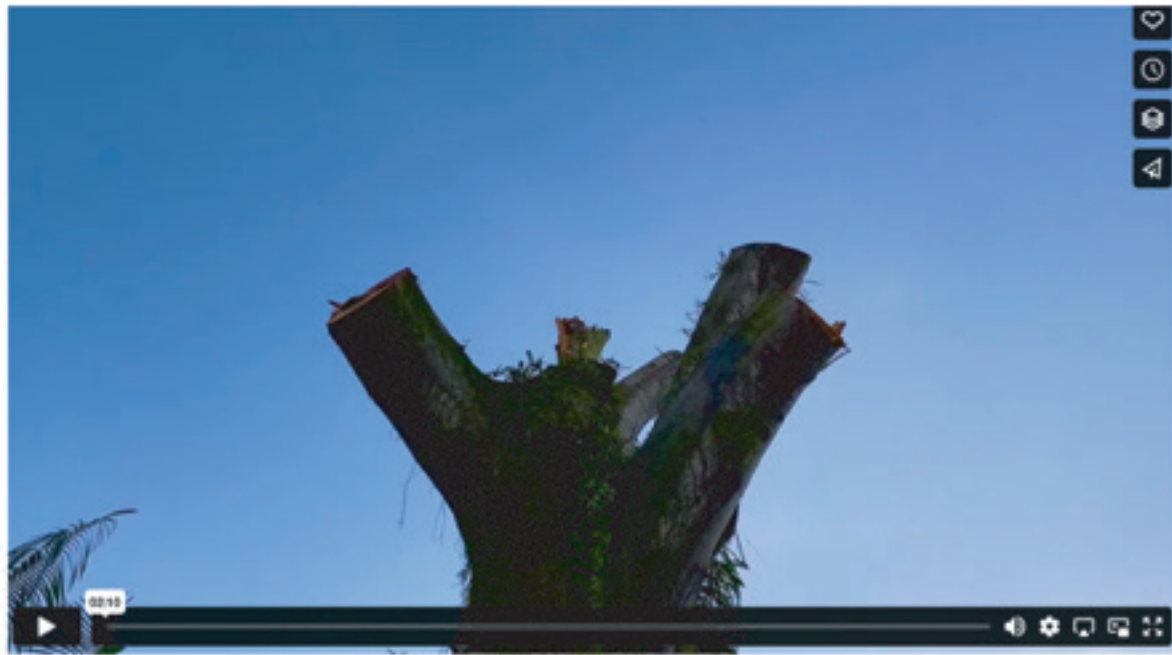


Samaumeira, teus veios em nós. Fotografia digital (45x75cm)



Hora mágica. Fotografia digital (40x60cm)





Mãe Samaúma, teus veios em nós
<https://vimeo.com/869371750>

filme

Todo Fim é Bom

(contemplado pela Lei Paulo Gustavo (2023))

Acompanhamos o último dia de Luís na cidade, durante a reunião com suas amigas, Isa e Laura, e seu namorado, Gab, em um bar enquanto conversam sobre sentimentos que os travessam na contemporaneidade. As reflexões suscitadas por eles demonstram suas formas de olhar o mundo, mais críticas e poéticas, na perspectiva das relações interpessoais, na forma de consumo, na virtualidade e na ansiedade climática, a partir do território amazônico, onde estão situados.



The Heavy Dirty Show: Bravo Regozijo Bruto_ Vídeo | 4:15s | 2018.

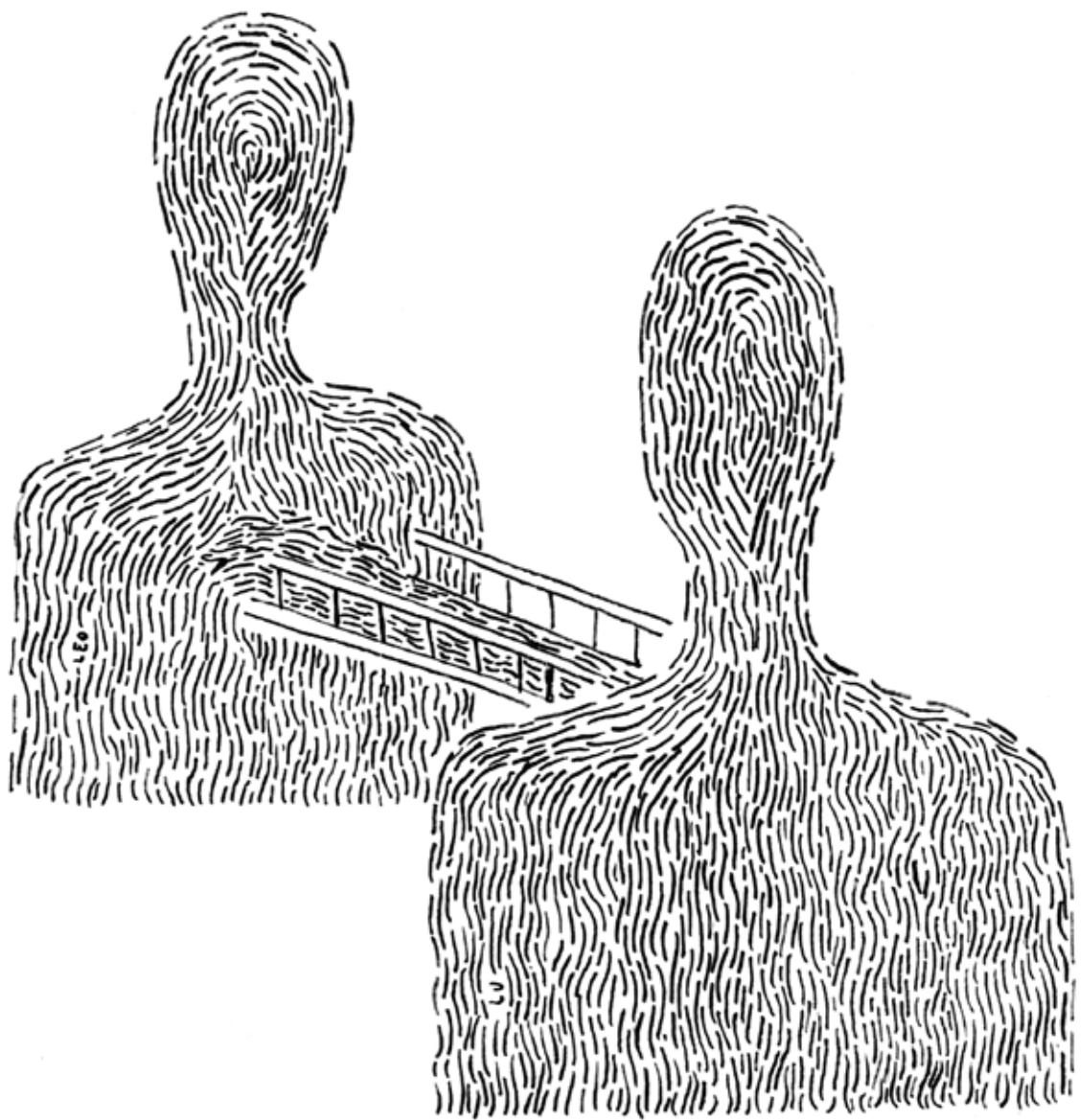
Vivemos a quarta revolução industrial, a era da internet, a globalização da comunicação, acompanhamos eventos ao vivo em qualquer lugar do mundo, rompemos as barreiras territoriais do sinal da televisão. Nesse lugar, a imagem assumiu o papel de linguagem de comunicação universal, fazemos e compartilhamos imagens diariamente, nos inserimos em redes sociais em que imagens são a plataforma principal de comunicação. Em meio a essa atmosfera do uso de imagens e o compartilhamento dela através da internet é a primeira vez na história que podemos acompanhar ao vivo um guerra em qualquer lugar. Estamos diariamente assistindo a história da violência acontecer. E gostamos de ver, buscamos imagens de guerra, de catástrofes, de acidentes. E quando não, recebemos em nossos celulares ou redes sociais. Existem sites especializados em imagens de violência, para o deleite dos usuários que o atualizam diariamente com conteúdo. Estamos conscientemente documentando um fato histórico? Ou estamos reproduzindo o jornalismo sujo de programas policiais que invadiram as televisões? Imagens borradas não retiram o ato simbólico de violência, como esses programas tentam fazê-lo. Assistimos violência real como um filme de ficção, o sangue não espirra em nossos rostos, nossas mãos não ficam sujas, não adentramos linhas de guerra, no final é só desligar a tela, mudar de canal ou deslizar o dedo na tela para mais entretenimento e justamente por saber disso é que gostamos de assistir violência. Na Civilização do Espetáculo, a busca para saciar o tédio é incessante e a indústria do entretenimento enverga para onde houver público. O sofrimento, a dor, a morte, tornam-se o conteúdo que preenche o vazio do tédio. A Origem da Guerra, da artista francesa Orlan, foi a referência para o corte de uma camada do vídeo, questionando o prazer em fazer e assistir cenas violentas. Na psicanálise, o prazer na violência está diretamente ligado ao prazer sádico da incontinência da agressividade, transbordado na busca por imagens que saciem esse desejo, assim como na masturbação. Renato Zamora Flores, médico e pesquisador da UFRGS, diz que "dependendo da quantidade de prazer que se tem com as primeiras exposições à violência, a busca por situações cada vez mais agressivas pode evoluir e tornar-se viciante". O ser humano é o único ser na terra que pratica a tortura por prazer e a cultura da violência é histórica, desde lutas romanas e gregas, Touradas, Guerras mundiais, Esportes de lutas, e com o acesso fácil a recursos de imagem se equiparou ao prazer na pornografia pela internet? Estamos diante do que Walter Benjamin chamou de Estética da Guerra, onde a autoalienação atingiu o ponto que se permite viver a própria destruição como um prazer estético de primeira ordem? Vídeos recebidos em redes sociais de mensagem instantânea e em sites como LiveLeak.com compõem a segunda camada de imagem. Em um dos vídeos há o diálogo "cê filmou mano? -filmei. -Manda pra mim!", que se refere a um caso recente onde um jovem a cometer suicídio é incentivado pelos cinegrafistas a pular da passarela e tudo é filmado como em um show de televisão. A trilha sonora do projeto foi criada inspirada em músicas concretas, com o uso de sons de teclas sendo pressionadas e zumbido de moscas.

Frames do vídeo



projeto
O Rio que Corre em Mim
gravuras





Somos um grande rio

